

SEMINARIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAUDE: PROTEÇÕES CONTRA A DESINFORMAÇÃO

EIXO TEMÁTICO: GT 1 - EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS EM INFORMAÇÃO PARA O ENFRENTAMENTO A DESINFORMAÇÃO NA CIÊNCIA E NA SAÚDE

GLÚTEN X AUTISMO: REAÇÕES DOS USUÁRIOS EM VÍDEOS DO YOUTUBE

GLUTEN VS. AUTISM: USER REACTIONS IN YOUTUBE VIDEOS

Flávia Moraes Moreira Barros; Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); flaviammoreira@ufmg.br
Claudio Paixão Anastácio de Paula – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); claudiopap@eci.ufmg.br

Modalidade: texto completo

RESUMO
Os tratamentos que garantem qualidade de vida para indivíduos com Transtorno do Espectro Autista são temas recorrentes de estudos e geram pontos de conflitos entre os especialistas. Um dos questionamentos envolve a necessidade ou não da retirada do glúten da dieta de pessoas autistas, medida que, embora seja tema de diversas pesquisas, ainda não foi comprovada como benéfica. Mesmo assim, é fácil localizar no *YouTube* vídeos que defendem a exclusão deste componente alimentar. Objetiva-se neste trabalho compreender a construção da desinformação em vídeos do *YouTube* a partir das reações das famílias que convivem com o Transtorno do Espectro Autista às informações falsas sobre a necessidade de retirada do glúten da alimentação. A pesquisa é do tipo descritiva observacional, com abordagem quali-quantitativa. A partir dos termos de busca "autismo e glúten", autismo e glúten, "glúten e autismo" e glúten e autismo no *YouTube*, foram analisados os resultados obtidos. Com relação ao conteúdo, mais de 64% dos vídeos localizados fornecem a informação de que o glúten não deve ser consumido por pessoas com autismo. Com relação aos comentários feitos nos 37 vídeos analisados, 606 são respostas neutras ou indecisas; 134 são favoráveis à retirada do glúten e 14 são contrários à medida e questionam as fontes científicas utilizadas para a produção do conteúdo. Conclui-se que o cenário da desinformação é um desafio para todas as áreas e proteger pessoas vulneráveis às suas consequências perpassa por ações que desenvolvam a competência crítica em informação nestes indivíduos.

Descritores: Desinformação; Informação em saúde; Glúten; Internet.

Abstract:

Treatments that ensure quality of life for individuals with Autism Spectrum Disorder are recurring topics in studies and generate points of conflict among specialists. One of the issues involves whether or not gluten should be removed from the diet of autistic individuals—a measure that, although the subject of various studies, has not yet been proven beneficial. Even so, it is easy to find YouTube videos advocating for the exclusion of this dietary component. This study aims to understand how misinformation is constructed in YouTube videos based on the reactions of families living with Autism Spectrum Disorder to false information about the need to eliminate gluten from the diet. The research is descriptive and observational in nature, with a qualitative-quantitative approach. Using the search terms “autism and gluten,” autism and gluten, “gluten and autism,” and gluten and autism on YouTube, the results obtained were analyzed. Regarding the content, more than 64% of the videos located provide the information that gluten should not be consumed by people with ASD. Regarding the comments made on the 37 analyzed videos, 606 were neutral or undecided responses; 134 were favorable to the removal of gluten, and 14 were against the measure and questioned the scientific sources used to produce the content. It is concluded that the misinformation scenario poses a challenge for all fields, and protecting individuals vulnerable to its consequences involves actions aimed at developing critical information literacy in these individuals.

Keywords: Misinformation; Health information; Gluten; Internet.

1 INTRODUÇÃO

Em abril de 2025, o Centro para Controle e Prevenção de Enfermidades dos Estados Unidos (CDC) divulgou a estimativa de que, a cada 31 crianças nascidas, 1 é autista. O dado mostra maior incidência do Transtorno do Espectro Autista (TEA) na população estadunidense do que a pesquisa apresentada em 2023, quando o resultado havia mostrado um autista a cada 36 crianças.

Com o aumento dos diagnósticos, a relevância do assunto tem aumentado, o que é notável ao buscar pelo termo autismo em bases de dados de trabalhos científicos, como a PubMed. Ao pesquisar o termo em inglês "autism" em 31 de julho de 2024, foram recuperados 78.723 resultados. Somente em 2023, foram 7585 trabalhos. Em 2000, este número era de 437.

O aumento das pesquisas sobre o assunto, no entanto, ainda não trouxe resultados definitivos sobre as opções de tratamentos para o TEA. Apesar de o autismo não ser considerado uma doença e, por isso, não ter uma cura (Nogueira *et. al.*, 2024), é esperado que as famílias procurem opções de terapias que promovam melhor qualidade de vida para a pessoa autista ao incentivarem a autonomia, o equilíbrio emocional, a flexibilidade cognitiva, entre outras habilidades.

DOI: 10.5224/1537.2025.7261266

Uma das linhas de tratamento divulgada por alguns profissionais, e que é motivo de controvérsia, é a retirada do glúten da dieta dos autistas. Nogueira *et. al.* (2024, p. 24) afirmam que "não existe base científica para uso de dietas restritivas no TEA, como dieta sem glúten e sem leite, evidentemente, exceto em casos de doença celíaca e de intolerância à lactose".

Silva; Santos (2022) defendem que mais estudos devem ser feitos para confirmar ou não a efetividade desta exclusão alimentar, enquanto Croall *et al*. (2021) afirmam que as pesquisas que comprovaram a relação, até então, apresentam problemas em sua execução (por exemplo: tamanho da amostra pequeno e duração do ensaio curta). Os autores afirmam, ainda, que não foram comprovados efeitos negativos na ingestão do glúten pelos autistas e sugerem que seja feita uma pesquisa com uma amostra controlada por placebo durante um longo período.

Ensaios clínicos adicionais em larga escala e de alta qualidade também são sugeridos por Zafirovski *et. al.* (2024), que afirmam que as evidências disponíveis são limitadas e sugerem cautela aos profissionais ao repassar a dieta como tratamento.

A falta de evidência foi relatada ainda em 2012 por Batista *et. al.* em artigo nomeado: "Transtorno autístico e doença celíaca: sem evidências de associação" e confirmada doze anos depois por Karimi *et. al.* (2024). O pesquisador realizou uma revisão sistemática do tema e concluiu que os resultados da possível relação negativa entre glúten e autismo foram insignificantes.

Mesmo com diversas evidências científicas de que não é necessário retirar o glúten da dieta de pessoas autistas, é comum encontrar profissionais médicos e nutricionistas que são a favor desta exclusão alimentar, comportamento que pode levar à piora do quadro de seletividade alimentar, identificado em 34,4% das crianças e dos adolescentes com o quadro (Lemes *et. al.*, 2023).

Diante deste cenário, é necessário entender os impactos da desinformação na informação em saúde e, neste caso, especificamente, na saúde dos autistas. Considerando que grande parte desta informação é encontrada pelos pais em redes sociais virtuais, tem-se como problema norteador da discussão: O que os comentários feitos por famílias de pessoas autistas em redes sociais virtuais revelam sobre as suas reações diante de informações em saúde que colidem com as evidências científicas postadas nas redes?

DOI: 10.5224/1537.2025.7261266

O objetivo geral é compreender a construção da desinformação a partir das reações das famílias que convivem com o TEA às informações falsas veiculadas num contexto de negacionismo científico e de infodemia.

2 DESINFORMAÇÃO, NEGACIONISMO CIENTÍFICO E INFODEMIA

O aumento do número de pesquisas relacionadas ao autismo reforça a necessidade da sociedade em compreender este transtorno do desenvolvimento. Diante muitas perguntas ainda sem resposta sobre o tema, alguns destes trabalhos levantam pontos que podem ser mal interpretados por indivíduos que não estão acostumados à linguagem científica.

A questão se torna ainda mais preocupante quando esta generalização é feita por profissionais da área médica (de forma ingênua ou não), que, por sua formação acadêmica, assumem autoridade perante os demais cidadãos e, diante uma sociedade digital, passam a fornecer orientações via redes sociais virtuais.

O uso destas redes favorece a infodemia, que corresponde a "um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa" (Organização Pan-Americana da Saúde, 2020). Esse fenômeno, por sua vez, favorece a dinâmica da desinformação, entendida neste contexto enquanto um "estado de caos, de confusão, de dúvida, gerado em amplas parcelas da população que justamente necessitam e/ou buscam informação para definir suas opiniões e tomar suas decisões” (Araújo, 2021, p. 6).

No caso da retirada do glúten da alimentação de pessoas autistas, é comum que as famílias tenham acesso a posições contrárias e a favor nos diversos espaços digitais que acessam. Diante o excesso de informações sobre o assunto (infodemia), é esperado que surjam dúvidas sobre o caminho correto a seguir. Assim, a exposição a um grande volume de informações desencontradas e, muitas vezes, antagônicas, agrava o estado de caos relatado por Araújo (2021) e, após algum tempo, tende ao equilíbrio, momento em que a pessoa passa a defender um lado da questão.

Neste momento, é provável que o usuário da informação passe a seguir as indicações de algum profissional da área médica e passe a reconhecê-lo enquanto autoridade naquele assunto. No entanto, caso a autoridade escolhida defenda uma informação não comprovada cientificamente, tem-se uma representação prática do negacionismo científico, "fenômeno em que a autoridade da ciência passou a ser

DOI: 10.5224/1537.2025.7261266

questionada por pessoas comuns, num processo motivado por interesses econômicos de determinados grupos empresariais e corporativos" (Araújo, 2020).

Granez; Carvalho (2020, p. 93) concluem, a partir da crise sanitária da Covid-19, que, "em boa parte do discurso dos profissionais que vão de encontro às orientações da categoria, tem-se a prova ancorada no relato da experiência e nos anos de prática clínica. Usa-se tal experiência como argumento e ponto de partida". Desta forma, comentários que relatam experiências pessoais são utilizados para chamar a atenção de pessoas que buscam soluções para os seus problemas.

3 INFORMAÇÃO EM SAÚDE E INTERNET

Diante de sintomas relacionados à saúde, 47% dos brasileiros utilizam a plataforma de buscas do *Google* para obter informações. Médicos e posto de saúde ficam em segundo lugar, sendo a escolha de 42% das pessoas entrevistadas. Esta pesquisa foi divulgada pelo Instituto Datafolha em maio de 2023 e confirma a importância da internet enquanto espaço de disponibilização das informações em saúde (Fernandes, 2023). No entanto, Costa *et. al*. (2020, p. 223) alertam que a utilização destas informações na internet "é uma questão de saúde pública complexa e que merece atenção da sociedade como um todo".

Assim, embora o acesso e o compartilhamento de informações sobre saúde tenha ficado mais fácil, surgiram dificuldades nos "processos de autogerenciamento das informações, autocuidados e tomada de decisões" (Brasileiro; Almeida, 2021, p. 16). Desta forma, "se a Internet dá à população a chance de melhor se informar, e, portanto, cobrar bem mais da classe médica, em contraposição, pode gerar desinformação e situações de pânico e insegurança" (Targino, 2009, p. 70-71).

Para lidar com este desafio, Mello; Martinez-Ávila (2022, p. 5) destacam a relevância do desenvolvimento da competência em informação em saúde na população, a fim de promover um "amplo conjunto de habilidades que melhoram a capacidade das pessoas adquirirem informação em saúde, a fim de usufruírem de vidas mais saudáveis".

4 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa do tipo descritiva observacional, com abordagem quali-quantitativa. A partir dos termos de busca "autismo e glúten", autismo e glúten (sem aspas), "glúten e autismo" e glúten e autismo (sem aspas) na plataforma de vídeos

DOI: 10.5224/1537.2025.7261266

YouTube, foram analisados os resultados obtidos compartilhados por médicos e nutricionistas. A seleção destes profissionais para a análise está relacionada à *expertise* das áreas, que são as principais responsáveis por estudos sobre o tema.

Além disso, resultados repetidos ou que não relacionam autismo e glúten foram desconsiderados. Também não foram avaliados os vídeos em formato "*shorts*" porque têm uma duração menor (até 60 segundos) e, durante a coleta de dados, algumas amostras geraram dúvidas sobre a opinião do profissional. Na coleta de dados, foram selecionados somente vídeos em português brasileiro.

A partir dos resultados obtidos, foi feita uma análise da opinião do profissional de cada vídeo. Foram avaliados também os comentários dos vídeos, de forma a identificá-los em três categorias: a favor da retirada do glúten, contrários à retirada do glúten e neutros/indecisos. Dentre os neutros/indecisos, estão comentários que elogiam a escolha do tema do vídeo e que realizam perguntas sobre o assunto (mas que não deixam claro se são favoráveis ou não à retirada desta substância da alimentação). Nesta categoria também foram incluídos comentários que são conversas entre usuários sobre assuntos relacionados ao autismo e/ou à alimentação.

Alguns comentários foram selecionados para ilustrar os discursos relacionados aos termos apresentados: negacionismo científico, desinformação e infodemia.

5 RESULTADOS E ANÁLISE

A pesquisa realizada no dia 09 de agosto de 2024 utilizou os termos "autismo e glúten" e "glúten e autismo". O primeiro item recuperou seis vídeos relacionados, enquanto o segundo retornou 11 resultados. Destaca-se que o resultado relativamente pequeno é compatível aos itens de seleção destacados na metodologia.

No dia 12 de agosto de 2024, foi realizada a pesquisa sem o uso de aspas. O termo: glúten e autismo gerou 17 resultados válidos, enquanto autismo e glúten gerou mais três vídeos inéditos sobre o tema. Tem-se, então, uma amostra de 37 vídeos. Destes, 20 tiveram como fontes profissionais da Nutrição e 17 eram da Medicina.

Também foram analisados os anos de publicação dos vídeos, sendo 2022 o ano com mais produções (sete). A descrição detalhada está na Tabela 1.

Com relação ao conteúdo, os produtos audiovisuais foram divididos em dois grupos: 24 vídeos apresentam conteúdos favoráveis à retirada do glúten da dieta de qualquer pessoa autista e 13 vídeos afirmam que o glúten só deve ser retirado em

DOI: 10.5224/1537.2025.7261266

caso de doença celíaca (doença resultado da intolerância ao glúten) ou de outros distúrbios gastrointestinais que justifiquem a atitude. Considerando que os 37 vídeos correspondem a 100%, tem-se que mais de 64% dos vídeos localizados fornecem a informação de que o glúten não deve ser consumido por pessoas com TEA.

Tabela 1 - Vídeos sobre o tema autismo e glúten no *Youtube* de acordo com o ano de publicação

Ano de publicação	Número de vídeos
2012	1
2015	2
2016	1
2017	3
2018	3
2019	4
2020	2
2021	5
2022	7
2023	6
2024	3

Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto aos comentários, percebe-se que a maioria podem ser encaixados na categoria neutros ou indecisos (606 comentários no total). Muitos são os usuários que fazem elogios aos conteúdos ou perguntas, em que demonstram dúvidas sobre assuntos relacionados. Seguem alguns exemplos encontrados no vídeo intitulado: "Parte 3 - Autismo e Alimentação: Eixo Cérebro-Intestino, Glúten e Caseína", publicado em 26 de maio de 2019, que **apoia a retirada do glúten**:

"obrigada pela valiosa informação"

"É possível eu ter uma melhora só com a diminuição do consumo do glúten e da caseina?"

Na categoria de comentários a favor, os 37 vídeos totalizaram 134 comentários que se mostraram favoráveis à retirada do glúten da alimentação. Abaixo, pode ser visualizado um destes comentários:

"Em até 7 semanas resultados já podem aparecer. Porém é um conjunto de ações que fará a criança melhorar. Meu filho em 3 semanas já melhorou o reflexo e parou de mexer mais as mãos. Uma melhora ASSUSTADORA em apenas 3 semanas. Depois de muito estudo e pesquisas estou conseguindo ajudar meu filho." (vídeo que apoia a retirada do glúten)

DOI: 10.5224/1537.2025.7261266

Com relação aos comentários contrários à orientação de retirada do glúten, foram identificadas 14 aparições. Entre as opiniões compartilhadas, estão:

"Minha filha é autista e não tem nada disso. Tudo deve ser feito com muito cuidado e com ajuda de profissionais. Cada autista é único. Não da para generalizar. Mães, cuidado com as modinhas!" (**vídeo que apoia a retirada do glúten**)

"Até que enfim nutrição com seriedade! Parabéns pela competência" (**vídeo que é contra a retirada de glúten para todos os autistas**)

A tabela 2 sistematiza os resultados encontrados nos comentários.

Tabela 2 - Quantidade e teor dos comentários feitos nos vídeos sobre autismo e glúten encontrados no *YouTube*

Teor dos comentários	Quantidade encontrada
A favor da retirada do glúten da alimentação	134
Contra a retirada do gluten da alimentação	14
Neutro/indeciso	606
Total	**754**

Fonte: Dados da pesquisa.

A grande quantidade de comentários neutros ou indecisos é um exemplo de que muitas pessoas ainda não têm conclusões definidas sobre a questão. Diante da informação de necessidade da retirada do alimento, algumas assumem uma postura de testar em casa para verificar os resultados com a sua criança:

"eu comecei fazer a dieta sem gluten sem caseína sem soja sem açúcar e minha filha ficou mais calma nos primeiros dias mais está ficando nervosa de novo . Tá tendo crises, no começo tava bem tranquila agora tá muito nervosa"

Por outro lado, o comentário abaixo é uma demonstração de como a quantidade de informações confunde as pessoas.

Eu não entendo como a neurologista que atendeu minho sobrinho autista ontem falou que a dieta sem glúten é só para pacientes de doença celíaca.

No caso acima, nota-se que os usuários não acreditaram na informação repassada pelos médicos em consultas presenciais e, ao buscarem alternativas na internet, encontraram vídeos que corroboraram com sua visão de mundo. Percebe-se o chamado viés cognitivo, que se refere à "tendência do ser humano a formar suas crenças e visões de mundo sem se basear na razão e nas evidências, isto é, nos fatos, num esforço para evitar descontentamento psíquico" (Araújo, 2020, p. 4).

DOI: 10.5224/1537.2025.7261266

Na Tabela 3, por exemplo, vídeos com perspectivas favoráveis à retirada do glúten possuem maior número de comentários que partilham a mesma perspectiva (130), enquanto somente 12 comentários problematizam a situação. Aparentemente, a maior quantidade de comentários favoráveis mostra que o local funciona como um espaço de segurança dos sujeitos para abordar o tema com pessoas que pensam igual. Parece confortável para o sujeito encontrar alguém que confirme, enfim, aquilo no qual se acredita, conforme o comentário abaixo:

"Dra to begeeee acabei de chegar do pediatra e ele falou exatamente isso pra mim qe meu filho nao tem nada a verr com gluten ou caseína e oqe ele precisa mesmo é apenas das terapias T.O PSICOLÓGIA E FONO claro qe eu como mãe sei qe nao e só isso Dra tenho 2 filhos com essas comorbidades mim dê um endereço de onde encontro uma boa nutro por favor.
vc atende em sao paulo ajude-me"

Por outro lado, poucos questionam o conteúdo: seja porque não se sentem confiantes para fazê-lo, seja porque o conteúdo gera dúvidas sobre a real resposta sobre o tema. Há também a possibilidade de que as pessoas que não acreditam na exclusão sequer assistam ao vídeo.

Tabela 3 - Análise dos comentários nos vídeos do *YouTube* que têm conteúdo favorável à retirada do glúten

Nº de comentários a favor da retirada do glúten	Nº de comentários contra a retirada do glúten
130	12

Fonte: Dados da pesquisa.

Já na Tabela 4, nota-se que os vídeos que são contrários à retirada do glúten da alimentação ou mesmo que relativizam a exclusão (ou seja, que são favoráveis somente diante diagnósticos específicos), possuem poucos comentários. De um total de seis participações, somente duas corroboram o conteúdo do vídeo e quatro são contrárias, ao se demonstrarem favoráveis à retirada do glúten.

Tabela 4 - Análise dos comentários nos vídeos do *YouTube* que têm conteúdo contrário ou que relativizam a retirada do glúten

Nº de comentários a favor da retirada do glúten	Nº de comentários contra a retirada do glúten
4	2

Fonte: Dados da pesquisa.

DOI: 10.5224/1537.2025.7261266

Essa baixa repercussão nos comentários possivelmente também está relacionada ao viés cognitivo. Diante a ansiedade das famílias para conseguir um tratamento que resolva seus problemas, é comum que os vídeos que não fornecem soluções não tenham engajamento elevado. É mais mobilizador um conteúdo que fornece alguma esperança, principalmente vindo de uma autoridade médica ou nutricional, do que um material que não fornece essa perspectiva. Além disso, o alto engajamento também pode estar relacionado a estratégias de marketing digital adotadas pelos produtores de conteúdo.

O que se destaca nos vídeos e nos comentários selecionados, ainda, é o fato de que profissionais da Medicina e da Nutrição que corroboram a perspectiva de retirada do glúten promovem um confronto de opiniões entre consultas presenciais e conteúdos virtuais, acirrando o cenário de infodemia para as famílias dos autistas. Afinal, em qual dos profissionais acreditar? Tomaél *et. al.* já afirmaram em 2001, momento em que ainda não se falava sobre desinformação, que

> o que determina a precisão de uma fonte de informação é a conferência das referências, a consistência da bibliografia, as citações, entre outras formas. Porém, o que dificulta o exame de fontes na Internet é o fato de que elas podem se referir, da mesma forma, a outras de credibilidade questionável. (Tomaél *et. al.,* 2001, p. 6).

Neste trecho, entende-se enquanto "fonte de credibilidade questionável" artigos científicos que apoiam a retirada do glúten para todos os autistas e que se baseiam em metodologias limitadas para tal fim. Alguns destes trabalhos são usados como referências nos vídeos analisados nesta pesquisa, promovendo desinformação para o público leigo, que não tem habilidades para fazer esta avaliação e, portanto, confia na autoridade da área médica.

Neste caso, seria mais adequado, para garantir a qualidade da informação, que fossem repassados aos usuários do vídeo as diversas conclusões encontradas em pesquisas da área. No vídeo "Nutrição no Transtorno do Espectro Autista (TEA) | Avaliação Nutricional de Crianças com Autismo", por exemplo, compartilhado pelo canal "Nutrição in Foco" em 2022, a nutricionista Aline Alves relata que os estudos mostram que existe uma alteração na digestão da caseína e do glúten por autistas, mas, que, no entanto, não há evidências científicas que apoiem a retirada destes alimentos da dieta.

Também é possível encontrar usuários que questionam os dados apresentados. Em "Autismo e o Gluten Dr Lair Ribeiro", do canal "O Melhor Para

DOI: 10.5224/1537.2025.7261266

Você", de 2015, um usuário comentou: "Fonte: CABEÇA; Vozes da minha", ironizando a falta de referências para a afirmação do vídeo: "Para autista, a primeira coisa que você tem que fazer é tirar o glúten e o leite".

Em "AUTISMO: Como a alimentação pode ajudar ? | Andreia Friques", vídeo de 2019 do canal Andreia Friques, um usuário comenta: "Muito se fala n existe provas".

A exigência de comprovação científica é solicitada também no comentário: "Poderia mencionar, por favor, a data da publicação e fornecer o link do artigo? Desculpe, mas é básico…". O pedido está no vídeo "Dieta Sem Glúten e Sem Caseína no Autismo: Análise e Efeitos | AUTNEWS - Tielle Machado", de 2024, do canal Dra Tielle Machado.

Assistir ao vídeo e solicitar os artigos representa dois ciclos de ações encontrados em sujeitos competentes informacionalmente, que são: "saber buscar e encontrar a informação em diferentes fontes" e "saber analisar, interpretar, avaliar e organizar a informação pertinente e relevante" (Labirinto do Saber).

O Núcleo de Pesquisa Labirinto do Saber conceitua a competência informacional enquanto "um conjunto de comportamentos, habilidades e ações que envolvem o acesso e uso da informação de forma inteligente, tendo em vista a necessidade da construção do conhecimento e a intervenção na realidade social".

Esse é, idealmente, o tipo de comportamento que guiou as pessoas que, em seus comentários, questionaram postagens que continham informações equivocadas.

Assim, conclui-se que sujeitos competentes informacionalmente questionam informações potencialmente duvidosas, mesmo que venham de pessoas que são autoridades em determinado tema, como é o caso dos médicos e nutricionistas. De forma mais específica, é possível inclusive questionar se estes profissionais são competentes informacionalmente para decidir qual postura vão adotar com seus pacientes, ou se assumem condutas a partir de referências publicadas por outros profissionais na internet.

Opostos a isso, dois comentários merecem atenção dentre os analisados e estão no já citado vídeo "Autismo e o Gluten Dr Lair Ribeiro":

> Precisa tirar trigo,leite e derivados e o açúcar também.E usar óleo de côco que mata os vermes.O autismo é provocado por vermes em excesso...E tirando esses alimentos que acidificam muito o organismo o ambiente não fica bom para os vermes proliferarem.Seu filho melhorou?

DOI: 10.5224/1537.2025.7261266

> O autismo pode surgir por vários motivos, um deles é o excesso de vermes no nosso organismo, que produzem toxinas que caem na corrente sanguínea e atinge zonas do cérebro responsáveis pelo comportamento. Inclusive não só o autismo, mas, depressão, ansiedade, disbioses, problemas de pele, dores articulares…

Os comentários não foram rebatidos por nenhum usuário e possuem 12 e 6 curtidas, respectivamente. Os textos foram escritos por perfis diferentes e claramente apresentam informações falsas que visam confundir e preocupar pessoas leigas no tema. Além disso, favorecem o preconceito contra pessoas com TEA, na medida em que as apresentam enquanto seres contaminados com vermes, constituindo, assim, um conteúdo capacitista, negacionista e desinformativo.

6 CONCLUSÕES

> Você nos deu uma luz e direção. Obrigada!
> (Comentário retirado do vídeo: Glúten gerando distúrbio de movimento | Autismo | Ataxia, de 2023)

O comentário acima representa a confusão informacional que afeta muitas famílias de crianças autistas diante a falta de respostas definitivas para questões relacionadas a este transtorno do neurodesenvolvimento. Considerando que 79% dos cuidadores de pessoas autistas identificam como principal dificuldade "sentir segurança quando pensa no futuro a longo prazo da criança" e que 68% consideram um desafio ter "tempo para descanso e para cuidar de si mesmo (Retratos do Autismo, 2023), é essencial para estas famílias poder confiar em tratamentos eficazes e que não gerem mais sofrimento, como apresentado neste outro comentário:

> Quero ver fazer uma criança q não come absolutamente nada se interessar em comer feijão, arroz, legumes...meu Deus, é desesperador 😢eu tô no auge do desespero sem saber o q fazer pra minha filha comer seja lá o q for,pois ela não tá comendo nada. (Vídeo "ALIMENTAÇÃO NO AUTISMO e Comprovações Científicas", de 2020)

Assim, além de lidarem com o preconceito da sociedade, com a falta de apoio do poder público e com as dificuldades cotidianas relacionadas à qualidade de vida do autista, muitas famílias se submetem ao processo de retirar os únicos alimentos aceitos pela pessoa com TEA esperando diminuição de sintomas. Mesmo sem comprovação científica, essas famílias adotam dietas que parecem "milagrosas" e, na maioria das vezes, sequer possuem um atendimento profissional adequado.

É urgente, portanto, que as universidades e escolas capacitem seus estudantes e futuros profissionais a entenderem e participarem do processo científico, de modo que compreendam suas nuances e particularidades. É preocupante que,

DOI: 10.5224/1537.2025.7261266

mesmo com diversas pesquisas que afirmam a falta de evidências científicas para a relação entre glúten e autismo, a maioria de vídeos divulgados por profissionais no *YouTube* ainda defendam de forma tão enfática uma dieta restritiva.

O cenário da desinformação é um desafio para todas as áreas e proteger pessoas vulneráveis às suas consequências perpassa por ações que desenvolvam a competência crítica em informação nestes indivíduos. Desconfiar, questionar, pesquisar e tomar decisões a respeito de sua própria saúde baseadas em evidências científicas deveria ser uma habilidade treinada por todos desde a infância. Quem sabe, assim, profissionais que incentivam atitudes extremas e de risco à vida seriam mais questionados, sendo levados a capacitação contínua e ao comprometimento com a divulgação de informações validadas cientificamente.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. A. Novos desafios epistemológicos para a Ciência da Informação. *Palabra Clave*, La Plata, v. 10, n. 2, 2021. DOI: 10.24215/18539912e116. Disponível em: https://www.palabraclave.fahce.unlp.edu.ar/article/view/PCe116. Acesso em: 15 ago. 2024.

ARAÚJO, C. A. A. O fenômeno da pós-verdade e suas implicações para a agenda de pesquisa na Ciência da Informação. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação.* [*S. l.*], v. 25, p. 01–17, 2020. DOI: 10.5007/1518-2924.2020.e72673. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2020.e72673. Acesso em: 5 ago. 2024.

ARAÚJO, C. A. A. Pós-verdade: novo objeto de estudo para a Ciência da Informação. *Inf. Inf.*, Londrina, v. 26, n. 1, p. 94–111, jan./mar. 2021b. DOI: 10.5433/1981-8920.2021v26n1p94. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/65336. Acesso em: 08 ago. 2024.

BATISTA, I. C. *et al.* Transtorno autístico e doença celíaca: sem evidências de associação. *Arq. Neuro-Psiquiatr.* v. 70, n. 1, jan. 2012. DOI: 10.1590/S0004-282X2012000100007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/anp/a/9qXg4mg7x9ycYfjmGHYBKBm/abstract/?lang=pt#. Acesso em: 10 ago. 2024.

BRASILEIRO, F. S.; ALMEIDA, A. M. P. Barreiras à informação em saúde nas mídias sociais. *RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, *[S. l.],* v. 19, p. e021030, 2021. DOI: 10.20396/rdbci.v19i00.8667199. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rdbci/a/9VNLCSGsW88xgZNmn6yGGLg/?lang=pt#. Acesso em: 09 ago. 2024.

CENTRO PARA CONTROLE E PREVENÇÃO DE ENFERMIDADES (CDC). *Prevalencia del autismo más alta, según los datos de 11 comunidades de la Red de*

ADDM. 23 mar. 2023. Disponível em: https://www.cdc.gov/spanish/mediosdecomunicacion/comunicados/p_autismo_032323.html. Acesso em: 29 jul. 2024.

CENTRO PARA CONTROLE E PREVENÇÃO DE ENFERMIDADES (CDC). *Dados e estatísticas sobre o transtorno do espectro autista.* 15 abr. 2025. Disponível em: https://www.cdc.gov/autism/data-research/index.html Acesso em: 25 mai. 2025.

COSTA, B. B. da. *et. al.* O movimento antivacina no *YouTube* nos tempos de pós-verdade: Educação em saúde ou desinformação?. *Mídia e Cotidiano*, *[S. l.]*, v. 14, n. 1, p. 220-239, 19 fev. 2020. DOI: 10.22409/rmc.v14i1.38210 Disponível em: https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/38210. Acesso em: 15 ago. 2024.

CROALL, I. D. *et al.* Gluten and Autism Spectrum Disorder. *Nutrients, [S. l.]*, v. 13, n. 2, Fev. 2021. DOI 10.3390/nu13020572. Disponível em: https://www.mdpi.com/2072-6643/13/2/572 Acesso em: 05 ago. 2024.

FERNANDES, S. Google é o meio mais usado no Brasil para tirar dúvidas sobre saúde, diz Datafolha. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 mai. 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2023/05/google-e-o-meio-mais-usado-no-brasil-para-tirar-duvidas-sobre-saude-diz-datafolha.shtml Acesso em: 9 ago. 2024.

GRANEZ, M. da S.; CARVALHO, C. P. de. Informação versus Desinformação: a Crise Sanitária da Covid-19 e o Papel da "Autoridade" Médica na Divulgação de Conhecimentos Científicos. *Revista Brasileira de História da Mídia*, *[S. l.]*, v. 9, n. 2, 2020. DOI: 10.26664/issn.2238-5126.92202011614. Disponível em: https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/11614. Acesso em: 08 ago. 2024.

KARIMI, P. *et al.* The Effects of a Gluten-Free/Casein-Free Diet on Behavioral Indices in Children with Autism Spectrum Disorder: A Systematic Review and Meta-Analysis. *Iranian Journal of Pediatrics,* Irã, v. 34, n. 1, e140372, Fev. 2024. DOI 10.5812/ijp-140372. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/378324640_The_Effects_of_a_Gluten-FreeCasein-Free_Diet_on_Behavioral_Indices_in_Children_with_Autism_Spectrum_Disorder_A_Systematic_Review_and_Meta-Analysis. Acesso em: 5 ago. 2024.

LABIRINTO DO SABER. *Competência em Informação e Midiática (CoInfo)*. Disponível em: https://labirintodosaber.com.br/competencia-em-informacao-e-midiatica. Acesso em: 15 ago. 2024.

LEMES, M. A. *et. al.* Comportamento alimentar de crianças com transtorno do espectro autista. *J. bras. psiquiatr., [S. l.]*, v. 72, n. 3, 2023. DOI: 10.1590/0047-2085000000414. Disponível em: https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/t4CjvXxkH4VvL9qGSZG8MDr/#. Acesso em: 31 jul. 2024.

MELLO, M. R. G. de; MARTINEZ-ÁVILA, D. Competência crítica em informação em saúde: reflexões teóricas sobre a condição de vulnerabilidade de refugiados.

Asklepion: Informação em Saúde, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 19–36, 2022. DOI: 10.21728/asklepion.2022v2n1.p19-36. Disponível em: https://revistaasklepion.emnuvens.com.br/asklepion/article/view/36. Acesso em: 09 ago. 2024.

NOGUEIRA, M. L. M. *et. al*. *Minha criança tem características de autismo* [recurso eletrônico]: o que fazer? Belo Horizonte: [Ed. Autores], 2024. Disponível em: https://ufmg.br/storage/2/1/5/7/2157928018283e78e9158b47421bfa9f_17123367722456_1633332584.pdf Acesso em: 31 jul. 2024.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE - OPAS/OMS. *Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19:* kit de ferramentas de transformação digital, 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf. Acesso em: 08 ago. 2024.

PUBMED. *National Library of Medicine.* Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/ Acesso em: 31 jul. 2024.

RETRATOS DO AUTISMO. *Genial Care Serviços Psicológicos Ltda*, 2023. Disponível em: https://genialcare.com.br/materiais-ricos/retratos-do-autismo-brasil-2023/ Acesso em: 15 ago. 2024.

SILVA, S. D. S. das; SANTOS, R. P. dos. Gluten and Casein exclusion therapy in individuals with autism spectrum disorders: a critical look at the topic. *Research, Society and Development, [S. l.]*, v. 11, n. 1, p. e20111124734, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i1.24734. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/24734. Acesso em: 5 ago. 2024

TARGINO, M. da G. Informação em saúde: potencialidades e limitações. *Inf. Inf.*, Londrina, v. 14, n. 1, p. 52-81, jul./jun. 2009. DOI: 10.5433/1981-8920.2009v14n1p53. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1845/2891. Acesso em: 19 ago. 2024

TOMAÉL, M. I. *et. al*. Avaliação de fontes de informação na internet: critérios de qualidade. *Informação & Sociedade, [S. l.]*, v. 11, n. 2, 2001. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/293. Acesso em: 15 ago. 2024.

ZAFIROVSK, K.; ALEKSOSKA, M.T.; THOMAS, J.; HANNA, F. Impact of Gluten-Free and Casein-Free Diet on Behavioural Outcomes and Quality of Life of Autistic Children and Adolescents: A Scoping Review. *Children,* 2024, *11*, DOI: 10.3390/children11070862. Disponível em: https://www.mdpi.com/2227-9067/11/7/862 Acesso em: 25 mai. 2025.